

A emergência dos clubes esportivos em Vitória¹

Thacia Ramos Varnier^{*}
PPGEF/UFES

Cecília Nunes da Silva^{**}
PPGEF/UFES

Dr. Ivan Marcelo Gomes^{***}
PPGEF do CEFD/UFES

Dr. Felipe Quintão de Almeida^{****}
PPGEF - CEFD/UFES

Ms. Ueberson Ribeiro Almeida^{*****}
PPGEF/UFES

Ms. Cláudia Emília Aguiar Moraes^{*****}
ESFA

Resumo: Este trabalho investiga o advento e a proliferação das práticas esportivas em Vitória, Capital do Espírito Santo, concentrando-se na fundação dos clubes. Descreve o papel que os clubes esportivos desempenharam durante o processo de desenvolvimento dessa cidade, entre as décadas de 1920 e 1930. Utiliza, como fontes, o jornal *Diário da Manhã* e as revistas *Vida Capichaba* e *Chanaan*. Conclui que a prática esportiva estava associada às ideias de que o esporte atuaria na formação de uma juventude sadia, cumprindo um papel importante para a melhoria da raça, aspectos indispensáveis, à época, à cidade em transformação. Tal fato se vinculava aos interesses dos governantes locais em financiar o desenvolvimento dos clubes, responsáveis pelo alcance desses objetivos.

Palavras-chave: Esporte; História; Cidade

Abstract: This article investigates the advent and proliferation of sports practice in Vitória, capital of Espírito Santo, focusing the foundation of the sports clubs. It describes the role played by the sports clubs during the process of development of this city between the decades of 1920 and 1930. The sources were constituted by the newspaper *Diário da Manhã* and the magazines *Vida Capichaba* and *Chanaan*. The conclusion is that sports practice was associated with the idea that sports would act in the formation of a healthy youth and play an important role in the race improvement, considered essential aspects at that time for the city under transformation. This fact was linked to the interests of local rulers in financing the development of the sports clubs, which would be directly responsible for achieving these aims.

Keywords: Sport; History; City

^{*} Mestranda no PPGEF/UFES. Laboratório de Estudos em Educação Física do CEFD/ UFES. E-mail: thacia_151@hotmail.com

^{**} Mestranda no PPGEF/UFES. Laboratório de Estudos em Educação Física do CEFD/ UFES. E-mail: ceciliaef@hotmail.com

^{***} Doutor em Ciências Humanas; Professor do PPGEF do CEFD/UFES. E-mail: ivanmngomes@hotmail.com

^{****} Doutor em Educação; Professor do PPGEF do CEFD/UFES. E-mail: fqalmeida@hotmail.com

^{*****} Mestre em Educação Física (PPGEF/CEFD/UFES); doutorando em Educação no PPGE/CE/UFES.

E-mail: ueberonribeiro@terra.com.br

^{*****} Mestre em Educação (UFSC); Professora da ESFA. E-mail: cea_moraes@hotmail.com

Introdução

Há pelo menos duas décadas que, dentro e fora do campo da Educação Física, inúmeros pesquisadores têm se esmerado no sentido de dar visibilidade às práticas esportivas que “invadiram” o Brasil a partir do século XIX. Os estudos pioneiros a respeito dessa história (LUCENA, 2001; MELO, 2001; SEVCENKO, 1992, 1999) escolheram, como cenário de suas investigações, as duas principais cidades brasileiras na transição do século XIX para o século XX (Rio de Janeiro e São Paulo). Fora desse eixo, contudo, poucos são os estudos disponíveis a respeito das práticas esportivas, sua história, nas cidades.² Este artigo visa a cobrir parcialmente essa lacuna, ao oferecer uma investigação sobre a criação e organização clubística na cidade de Vitória, buscando narrar alguns papéis assumidos pelo esporte no desenvolvimento dessa cidade nos primeiros anos do século XX.³

No que diz respeito à periodização, a pesquisa concentrou suas análises entre os anos de 1920 e 1940. A escolha desse recorte não foi fortuita, pois se presenciou, nessa época, uma “febre esportiva” (MASCARENHAS, 1999) em Vitória. Os indícios dessa manifestação esportiva na e da cidade era registrada pelos principais meios de comunicação do período, com destaque para o jornal *O Diário da Manhã*, cuja publicação se inicia em 1907. No *Diário da manhã*, trabalhamos com o jornal impresso, disponibilizado no Arquivo Municipal de Vitória. Sua qualidade era boa, facilitando a catalogação por meio de fotografias. Dele catalogamos os anos de 1926, 1927, 1928, 1929, 1930 e 1936.⁴ Muitas notas, reportagens ou imagens (fotografias e propagandas) sobre os esportes eram também publicadas nas páginas das revistas *Vida Capichaba* (1923-1959) e *Chanaan* (1936-1938). As revistas *Vida Capichaba* e *Chanaan* também foram consultadas em versões impressas, disponíveis, em boa qualidade, na Biblioteca Estadual (Vitória/ES). Na revista *Vida Capichaba* catalogamos os números publicados entre os anos de 1924 e 1940. Na *Chanaan*, foram catalogados os anos de 1936, 1937 e 1938. Após a catalogação, realizamos a categorização temática das fontes. Foi a

partir desta estratégia que operamos as análises em torno da criação e desenvolvimento dos clubes esportivos. Desta forma, trabalhamos com os “clubes náuticos” e os “clubes futebolísticos”.

Este artigo está organizado em três eixos. No primeiro, “A criação dos primeiros clubes esportivos capixabas”, apresentamos uma breve “nota” sobre o desenvolvimento dos clubes na cidade de Vitória. No segundo e terceiro, respectivamente, “Clubes Náuticos” e “Clubes futebolísticos”, discutimos aspectos da organização dos clubes de remo e futebol da Capital do Espírito Santo, considerando os fatores que influenciaram o desenvolvimento dessas modalidades esportivas. Encerramos com uma síntese das evidências encontradas, perspectivando a continuidade da investigação.

A criação dos primeiros clubes esportivos capixabas

Embora elevada pela lei de 17 de março de 1823 à categoria de cidade é somente nos primeiros anos do século XX que Vitória passará pelas transformações que, no Rio de Janeiro e São Paulo, estavam em curso desde pelo menos meados do século XIX. Até então, e à despeito do *Novo arrebalde*⁵ (1896) projetado pelo sanitarista Saturnino de Brito, Vitória caracterizara-se pelas ruas tortuosas e estreitas, carecendo de serviços urbanos essenciais. Do ponto de vista arquitetônico, continuava sendo uma típica cidade colonial portuguesa. As casas e pequenos sobrados mostravam suas fachadas em desalinho. Os chafarizes e mananciais, cujas águas para abastecimento das casas comerciais e moradias precisavam ser transportadas pela própria população, eram escassos e limitados. A iluminação pública era bastante deficiente, deixando a cidade quase às escuras. Eram evidentes as carências também em termos de instalações sanitárias. Os dejetos, recolhidos de casa em casa, eram levados em barricas e lançados ao mar, seu depósito “natural”.⁶ O transporte da população constituía-se de bondes de tração animal, sendo, por isso mesmo, bastante deficiente (DERENZI, 1965).

A transição perceptível da antiga cidade colonial para a Vitória moderna teve um grande impulso durante a gestão de Jerônimo Monteiro, governador do Estado entre os anos de 1908 e 1912. A partir de então, a cidade foi equipada com novos serviços: água encanada, redes de esgoto, energia elétrica, bondes elétricos, construção de novos prédios públicos, início da construção das obras do porto e a reforma do ensino (VASCONCELLOS et al., 1993). Vitória entra numa fase de remodelação. Perde aspectos da antiga província que fora maior parte do tempo e ganha a olhos vistos foros de cidade moderna. A imprensa não cansava de notar e de tecer os justos elogios a esta metamorfose maravilhosa.

Os dois governos (1912-1920) que sucederam o de Jerônimo Monteiro, no comando do Estado, não conseguiram manter sua dinâmica de trabalho, em grande parte devido à I Grande Guerra Mundial, que criou sérios problemas no mercado do café, ainda o principal motor da economia na região. Nestor Gomes e Florentino Ávidos, entre 1920 e 1930, concluíram a concepção de cidade que nascera no governo de Muniz Freire (1892-1896) e seu famoso *arrebalde* (BRITO, 1896). Eles não só deram prosseguimento à construção do Porto, como executaram extenso programa de obras, visando os melhoramentos urbanos de Vitória (DERENZI, 1965). Uma nova cidade, mais moderna e confortável, apresentava-se à realidade da população capixaba no final dos anos 1920. O depoimento fornecido pelo senhor Gustavo Barbosa, ao jornal *Diário da Manhã*, e publicado no dia 21 de abril de 1929, é exemplar de todo esse processo:

[...] a primeira vez que vi Vitória, tive horror. Isto, porém, há vinte anos (1909). Foi quando vim conhecer também o Rio. Não havia porto, nem ruas para pisar. Chovia e tudo era lama. O palácio do governo era um velho convento com uma igreja ao lado. Tal foi minha impressão que embora passando por aqui várias vezes, só depois de doze anos (1921), me animei a desembarcar de novo. Notei grande transformação. Agora, pela terceira vez, já posso dizer que Vitória me agradou. Nota-se em tudo que a cidade é outra. Ruas limpas e bem calçadas, prédios amplos e modernos, bondes, automóveis, estradas e a linda ponte metálica ligando a ilha ao continente. Não é preciso recorrer às estatísticas para saber que aqui existe um grande laboratório de trabalho, sente-se o progresso (BARBOSA, apud VASCONCELLOS et. al, 2003:100).

É em meio a esse processo de transformação que surgem os primeiros clubes esportivos em Vitória, como é o caso do Álvares Cabral e do Saldanha da Gama,⁷ fundados na primeira década do século XX a partir de iniciativas de jovens que aqui domiciliavam:

Em 1902, quando havia pelo resto do Brasil um início de movimento pela prática de exercícios físicos, alguns moços, que já estavam aqui há um punhado de anos, e outros capixabas viajados de leitura se convenceram da necessidade de fundar um clube desporto. [...] a idéia de se criar o Saldanha foi ativada após a fundação do Álvares Cabral, que ‘nasceu’ nos dias 06 de julho de 1902, graças ao empenho e dinamismo de um grupo de pessoas, onde se destacavam vários portugueses. A denominação do clube, então formado, se deveu ao fato de a colônia portuguesa querer homenagear um de seus ilustres navegadores Pedro Álvares Cabral. Conta Jaime Navarro, que surgiu, então a idéia de se fundar um outro clube que pudesse competir com o Álvares Cabral. E poucos dias depois fundou-se o clube do Forte, que receberia o nome de seu ilustre brasileiro, o almirante Saldanha da Gama [...] (A TRIBUNA, 1978:10).⁸

Nesse processo de criação os estudantes tiveram um papel de destaque ao importarem costumes presentes em outras cidades para Vitória.⁹ É o que também aponta Gomes Filho (2002:11), ao comentar como o futebol começa a ser praticado em solo capixaba: “[...] A maioria era estudante de medicina e acadêmicos de direito. Quando vinham à Vitória, de férias, eram cercados para mostrarem as novidades. Traziam bolas de couro, uma raridade. Tudo era festa [...]”. Tão logo sua prática se dissemina das escolas para os “campinhos”,¹⁰ criam-se as condições de possibilidade para o surgimento dos primeiros clubes: o Victoria Foot-ball Club, em 1912, e o Rio Branco Foot-ball Club, em 1913. O primeiro “nasceu” no bairro de Santa Lúcia, com um discreto campo de areia, cercado com uma modesta arquibancada (alguns degraus de madeiras cobertos) para melhor acomodar seus torcedores. Em relação ao segundo, este foi fundado por estudantes e filhos de comerciantes, no bairro operário de Jucutuquara, num antigo terreno em que antes funcionara uma salina, naquele momento abandonada. Outros clubes de futebol foram criados nos anos seguintes, como o Moscoso, o Barroso, o América, o São Christovão, o Americano, o Tiradentes etc. (*Diário da Manhã*, 1926, s/p). Todos eles foram extintos anos depois. Logo em seguida à criação dos clubes, tem início, em 1918, uma liga de futebol.

Após apresentar essa “nota” sobre a criação dos clubes esportivos, a seguir, analisaremos com mais detalhes o desenvolvimento dos clubes náuticos, os primeiros clubes esportivos a se organizarem em Vitória.

Clubes náuticos

Certamente, a localização geográfica da ilha de Vitória foi um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento do remo capixaba. A constituição de um território banhado pelo mar e o clima quente e úmido fizeram da cidade um lugar propício para a prática desse esporte. Não somente fatores geográficos foram importantes para a criação dos clubes, mas, também, existia, aqui, um desejo e uma predisposição para o desenvolvimento da prática, pois ela, conforme outros estudos já demonstraram (MELO, 2001; LUCENA, 2001; SEVCENKO, 1992, 1999), era associada ao que era novo, moderno. O desenvolvimento do esporte seria mais uma conquista nessa direção.

Com o sucesso dos clubes de remo em cidades que aqui exerciam sua influência, principalmente o Rio de Janeiro, não demorou muito tempo para esse esporte se iniciar e desenvolver-se em solo capixaba. Graças aos esforços lusitanos, os clubes Álvares Cabral e Saldanha da Gama se fortaleceram e conquistaram a preferência da população. O remo foi, por muito tempo, a modalidade esportiva mais praticada pelos capixabas. Segundo as fontes consultadas, o discurso da saúde, que permeia a prática esportiva desde aqueles tempos (MELO; PRIORE, 2009), presenciava-se no argumento dos especialistas da imprensa em favor daquela prática náutica. A informação a seguir, contida em uma matéria do *Diário da Manhã*, na coluna *Diário Sportivo*, do dia 7 de setembro de 1926, é ilustrativa disso:

Nenhum esporte nos empolga tanto como as regatas: nenhum outro também é tão útil ao physico, como elle. Eu o comparo ao mais elegante de todos [...]. Nelle não há o perigo, as formas desgraciosas do conjunto, a brutalidade, a violência, o desamor ao próximo, como o football [...].¹¹ O Remo e a natação estão sobre todos os outros.

Outro exemplo pode ser encontrado em uma coluna da revista *Vida Capichaba*, conforme se vê a seguir:

O remo é o desporto mais antigo do Espírito Santo e também o que empolga mais a sua população. Neste anno, dois grandes e veteranos clubs de remo vêm de completar < apenas > trinta anos de fundação, o que não significa pouca cousa em matéria desportiva. Exercício salutar, praticado principalmente pela manhã, ao ar livre, o remo traz ao organismo uma série de benefícios esplendidos, além de ser disciplinador de forças elemento preponderante de cooperação. Quem pratica o remo sabe perfeitamente que para vencer há imprescindível necessidade de treinos methodicos e harmonia de conjuncto. Dahi a cohesão que os clubs de remo sempre encontram entre seus associados, que pelo exercício diário sabem quanto vale o esforço colletivo e quando dispersivo e improductivo o esforço isolado. Quem assiste a uma partida de foot-ball, jogada em horas commodas, em terra, nas horas em que toda gente descança, aos domingos, e até uma regata, que começa logo as 12 horas e vae até ás 6 da tarde, no salso elemento, com conforto relativo e precário, fica desde logo notando que a cidade e a população, preferem o remo a qualquer desporto terrestre. As ruas, em dia de regatas, ficam desertas. Os cafés vasios, enquanto correm os pareos, e a Bahia e os caes, apinhados de delirantes torcedores, que vibram, [...] applaudem os seus affeioados. E ninguem escapa a influencia e ao entusiasmo geral, que tem um aspecto próprio e característico em nossa cidade. Creanças, moços, senhoras, senhoritas, velhos e sizudos cavalheiro, todos < torcem >, todos applaudem, todos passam horas alegres e vivificadoras com o desporto náutico, rithmico, emocionante, disciplinador, e que é entre nós, um exemplo de tenacidade, de esforço, de coragem e vontade de vencer [...]. Assim, vê-se a cada passo, que o desporto aquático progride, avança, conquista maiores adeptos, e será sempre entre nós, o leader dos desportos como é o veterano dos divertimentos da sociedade (*Vida Sportiva*, 193-, s/p).

O sucesso do remo se justifica graças à sua capacidade de agregar elementos que o qualificam como uma prática esportiva importante para a saúde e para o bem-estar da sociedade. Valores como o desafio em frente ao mar, a manutenção da saúde, a solidificação de um corpo estético musculoso e viril e a educação moral, são algumas das propriedades que permeiam a prática do remo, considerada uma verdadeira “escola de virtudes” (MELO; PRIORE, 2009). Ainda segundo Melo, o remo seria o esporte da saúde:

[...] do desafio, contra o outro e contra o mar, que educa o músculo e a moral; o esporte da velocidade; do progresso, do limpo e do belo, da vida e da ordem (ligada à circulação, onde o mar ocupa um importante papel). O esporte de uma juventude altiva, forte e com ‘liberdade de espírito’ suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário (2001:77).

A associação entre saúde e a prática do remo também pode ser observada na coluna *Diário Sportivo*, do dia 13 de novembro de 1928, que publicou o estatuto de fundação do clube de remo Náutico Brasil.¹² Lá se dizia que o clube “[...] tem fim principal o

desenvolvimento físico de seus associados pelo cultivo dos esportes em geral [...]”. Também encontramos, nesta mesma coluna, no dia 4 de janeiro de 1929, matéria com o diretor do Clube de Regatas Saldanha da Gama: “O exercício físico garante um corpo sã, realizando o conhecido aforismo [...]. A gymnástica respiratória que o exercício dos remos torna metódica, exerce uma salutar influência é sobre que se constrói a educação do homem”.¹³

O entusiasmo popular com o remo era bastante visível nas regatas. Nesses dias, a população se aglomerava na beira-mar para acompanhá-las mais de perto, como evidencia a matéria do ano de 1926:

[...] a uma das mais entusiásticas se não a mais entusiástica das festas náuticas que se tem realizado [na baía de Vitória] [...]. Os caes estiveram toda a tarde repletos de torcedores e os pontões dos clubs não comportaram o número vultuoso de sócios e convidados que de seu bordo quiseram ver de mais perto a entrada na raia (*Diário Sportivo*, setembro de 1926, s/p).

Os clubes se organizavam durante meses não somente para a competição propriamente dita, mas, também, para acomodar seus sócios no dia tão esperado, conforme podemos observar na citação a seguir:

Num dos seus vãos, o veterano Álvares Cabral conseguiu da Secretaria da Agricultura uma área especial, que servirá para seus associados e ‘torcidas’, ficando o restante para o público em geral. Por sua vez o Saldanha da Gama cuidou de conseguir uma vasta área no caes dos armazéns da firma Vivacqua, Irmãos e Cia, onde localizará os seus associados, mas por certo o fará por estes dias, e o Piratininga também ainda não determinou qual o seu palanque (*Diário Sportivo*, 4 de outubro de 1926, s/p).

Quem não era sócio se “acotovela” à beira-mar para assistir às disputas (LIMA JÚNIOR; SOARES; BONICENHA, 1994). Essa segregação e/ou organização também foi identificada na organização clubística náutica do Rio de Janeiro. De acordo com Melo (2007), em dias de regatas, os integrantes das elites cariocas eram dispostos em arquibancadas, no Pavilhão de Regatas ou no interior dos barcos atracados na Baía da Guanabara, para poderem contemplar os páreos.

O clamor esportivo em favor do remo possibilitou, além disso, o desenvolvimento de outras atividades esportivas na água (Figura 1). Nesse caso, o mar serviu inicialmente de palco para as primeiras partidas de “water-pollo” e de natação, cujas disputas “[...] Levava[m] áquella nossa bella praia¹⁴ innumeras famílias da nossa melhor sociedade e grande público” (*Diário Sportivo*, 1 de março de 1929, s/p). Normalmente os atletas dessas novas modalidades eram aqueles mesmos que já tinham alguma experiência com o remo (MELO, 2007). Esse é o caso do famoso remador capixaba Wilson Freitas, também adepto do “water-pollo”.



Figura 1. 1ª Competição de Natação promovida pela LSES
Fonte: Vida Capichaba, Vitória, 1935. s/p

Com o passar dos anos, os clubes náuticos foram ganhando mais reconhecimento e importância na sociedade. Paralelo a isso, crescia, também, seus investimentos na ampliação e aparelhagem de materiais. Muitos desses materiais eram importados do Rio de Janeiro, como mostra a reportagem do dia 1º de junho de 1929, do *Diário Sportivo*: “[...] Chegada antehontem da Capital Federal, já foi incorporada à flotilha do club Náutico Brasil uma bem trabalhada yole de 2 remo”. Dias depois, em 4 de junho, a coluna esportiva elogia a compra feita pelo Náutico Brasil: “[...] Vai assim o C. N. Brasil aparelhando sua flotilha, merecendo

justos elogios pela maneira por que tem se portado para o progresso do esporte náutico entre nós”. Apesar de comprarem barcos, os clubes já tinham tecnologia para produzir, eles próprios, seus barcos (CHANAAN, 1937).

Negociações para auxílio governamental com a finalidade de construção de quadras, piscinas e/ou quaisquer ampliação estrutural desejada pelos clubes também eram recorrentes. Na revista *Chanaan* (1937, n. 16, julho, s/p) publica-se uma matéria que justifica os investimentos feitos pelo governo estadual nos diversos clubes da cidade e do interior (sobretudo futebol e remo) para a construção de suas praças esportivas. Diz a letra do texto que o governo estadual:

[...] tem se voltado também para os esportes em geral, tendo fornecido grandes auxílios aos clubes esportivos da cidade e do interior do Estado para a construção de suas praças desportivas. Assim temos procedido, porque consideramos os esportes como capítulo fundamental de Educação Física. A formação de uma mocidade forte e capaz de cumprir seus deveres para com a pátria deve sempre preocupar a atenção dos governantes, daí porque volvemos carinhosamente os nossos melhores cuidados para os esportes, dispensando-lhes assistência financeira para poderem bem exercer as suas nobilitantes finalidades. Concedemos o auxílio de 160 contos de réis ao ‘R. B. Futebol Clube para a construção do seu magestoso stadium’. Atendemos ao apêlo dos clubes de futebol ‘Ipiranga’, de João Pessoa e ‘Estrela do Norte’, de Cachoeiro de Itapemirim, auxiliando – os com 70 contos de réis. Empréstamos aos Clube de Regatas ‘Saldanha da Gama’ a importância de 300 contos de réis para melhoramentos em suas secções esportivas. Ao Clube de Regatas ‘Álvares Cabral’ fornecemos um empréstimo de 100 contos de réis para o mesmo fim e ainda ao ‘Clube Náutico Brasil’ para igual destino, será também concebido um empréstimo (*Chanaan*, Vitória, 1937, s/p).

Os investimentos não se restringiram ao governo estadual. Em nível municipal, constatamos, no relatório do prefeito de Vitória, Asdrubal Soares (1930-1933), que estavam sendo feitos estudos para a construção de um estádio em Jucutuquara, abrangendo: sondagens, projetos das ruas adjacentes, cálculo de movimento de terra, anteprojeto da estrutura de concreto armado e orçamento aproximado das obras. Encontramos, no relatório de 1935, do prefeito de Vitória, Álvaro Sarlo (1935-1936), uma menção sobre a realização de terraplanagem para a construção do novo campo do Rio Branco. No relatório do ano de 1936, assinado por Laurentino Proença, “chefe de obras” do prefeito Paulino Müller (1936-1937), identificamos dados sobre verbas reservadas à construção do estádio “Governador Bley”. Ainda em 1936, no relatório da “Diretoria de Água e Esgoto”, consta verba destinada ao

gramado e construção do estádio. Segundo Pereira, e isso se aplica bem ao nosso caso, o financiamento do governo aos grandes clubes já “[...] era praticado pelas autoridades, mas a partir da Revolução de 30 foi estendido a clubes menores, não apenas por parte do governo federal, como também por prefeitos, interventores ou outros órgãos governamentais” (2000: 355).

Essa ajuda financeira envolvia, para os governantes, o sentido de apresentar o esporte como uma importante manifestação de um País que pretendia ser “moderno” (MELO; PRIORE, 2009). Além disso, o esporte, ao fortalecer o corpo individual, cumpria o papel de fortalecer o corpo social, indispensável à construção da Nação, pois, para que esta seja vigorosa, é necessário que ela seja construída sob alicerces fortes. A juventude esportiva “[...] representa essa base e assume o compromisso com a pátria, com seu grupo social e com seus antepassados de construir uma Nação modelada nos valores morais e espirituais desenvolvidos com a prática do esporte” (COERTJENS; GUAZZELLI; WASSERMAN, 2004:259).

Mas não era só de esporte que se organizava a vida dos clubes de remo. Suas sedes sociais eram ponto de encontro para reuniões e festividades diversas. A seguir, uma matéria alusiva à sede social cabralista:

Entretanto nestes últimos annos, mais intenso tem sido o enthusiasmo dos cruzmatinos, principalmente depois que foi inaugurada a sua esplendida séde social, magnificamente situada na principal praça da cidade. E ali no centro accessível a todos os associados o ‘Álvares’ tem promovido noites de requintada elegância e de vera animação. As festas de anno novo, de anniversário do Club, de Carnaval, de S. Pedro e de Primavera são verdadeiros triumphos sociais. Além disso, ha as festas simples mensaes sempre coroadas de pleno êxito (CHANAAN, julho de 1937).

A essa época, portanto, os clubes tinham como uma importante função reunir em seus salões a mais “fina flor” da sociedade capixaba para comemorações. As festividades do carnaval eram aquelas que mereciam um lugar cativo nas publicações dos jornais e na agenda do público frequentador dos clubes. A seguir, a Figura 2 demonstra a animação dos foliões

durante uma festa realizada nas dependências sociais do clube Saldanha da Gama. Percebem-se, na foto, os foliões com vestimentas típicas carnavalescas e a decoração apropriada da festa; esta era intitulada de “Festa Cigana” e promovida pelo “Grupo dos Aquáticos”. Em eventos como esses eram muito comuns a presença da rainha do clube e a realização do concurso de melhor bloco.



Figura 2: Festa Cigana realizada na Sede Social do Clube Saldanha da Gama
Fonte: *Vida Capichaba*, Vitória, 1935, s/p

Nas sedes sociais, grandiosos salões eram frequentados por homens para resolver temas que extrapolavam os interesses do próprio clube, “[...] enquanto as esposas se dedicavam a organizar as festas promovidas no interior do mesmo, bem como definiam que tipo de vestimenta seria utilizada nas mais diversas atrações” (KUNSCH; SALUSTIANO, 2007:57). Dessas festividades e também da prática esportiva, contudo, somente participavam aqueles indivíduos com condições financeiras mais favoráveis, pois a aceitação dos indivíduos nos clubes dependia de uma prévia aprovação da sua diretoria. Havia uma série de requisitos para se tornar um associado. Tal estratégia garantia a preservação dessa distinção social dos

membros. Isso significa que a população mais carente de recursos financeiros, mas, também, de capital simbólico, ficava alijada dessa participação.

Nas fontes consultadas, encontramos outros rituais festivos que faziam parte da vida dos clubes. Um exemplo registrado era a solenidade da queima de barcos veteranos, em que era queimado o barco desgastado; e a solenidade de batismo dos barcos, decorrentes da aquisição de um novo barco. A nomeação do barco se dava por um padrinho, normalmente uma personalidade regional (principalmente políticos). Em ambos os eventos realizados pelos clubes, a presença de autoridades do cenário capixaba era recorrente. As Figuras 3, 4 e 5, reproduzidas na seqüência, são alusivas a essas cerimônias festivas. No caso da Figura 3, ela exhibe a homenagem que o clube Saldanha da Gama prestou ao então interventor federal do Estado, o João Punaro Bley, que discorria no salão nobre desse clube para a “mocidade sportiva do Espírito Santo”, após ser agraciado como padrinho do barco construído no estaleiro do clube. Vale destacar que a presença constante de autoridades políticas em eventos esportivos era uma forma de os clubes demonstrarem ao Governo sua adesão às políticas que norteavam as práticas esportivas por eles praticadas. Era também uma forma de os políticos mostrarem que estavam cumprindo o papel social que cabia ao Estado: principalmente, cuidar da saúde da população e fomentar a produção de uma cultura alinhada ao desenvolvimento urbano-industrial, à modernidade.



Figura 3: Cerimônia de Batismo de Barcos realizada no clube Saldanha da Gama
Fonte: *Chanaan*, Vitória, 1937, s/p



Figura 4: Apadrinhamento dos novos barcos. Sede do C.R Saldanha da Gama
Fonte: *Chanaan*, Vitória, 1937, s/p



Figura 5: Solenidade de queima dos barcos
Fonte: *Chanaan*, Vitória, 1937, s/p

Esse “reinado” do remo em Vitória somente foi abalado com a efervescência de uma nova prática esportiva: o futebol. Essa modalidade passa a disputar espaço nos meios de comunicação, principalmente no rádio e nas mídias impressas, como jornais e revistas. É o que veremos a seguir.

Clubes futebolísticos

Com a constante valorização das práticas esportivas, lentamente o futebol foi ganhando espaço e ampliando as oportunidades de participação da população considerada marginalizada. O remo, considerado uma modalidade esportiva elitizada, passou a disputar prestígio com o futebol, que ganhara importância. Essa valorização se deve, dentre outros elementos, ao fato de o futebol ser uma modalidade mais acessível, sem necessidade da aquisição de equipamentos mais rebuscados. É o que ressalta Melo, referindo à cidade do Rio de Janeiro:

[...] Uma participação mais ativa das camadas populares na prática esportiva somente seria identificada alguns anos mais tarde, quando o futebol se tornou uma febre da cidade, algo que persiste até nos dias atuais. Ele seria praticado não só nos clubes, mas na várzea, em quadras, em campos improvisados, em qualquer lugar onde fosse possível simular balizas. Seria jogado com qualquer material esférico que lembre uma bola (pode ser de meia, de papel, de plástico, de couro etc.) (2007:7)

Em Vitória, o futebol começou tarde quando comparado à sua difusão em outras Capitais brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo. Como dissemos, é somente na década de 1910 que os primeiros clubes de futebol se organizam na cidade, com a promoção da prática do futebol nas escolas e por rapazes estudantes recém-chegados de outros lugares. Segundo matéria publicado no jornal *Diário da Manhã*:

A história de nosso futebol é de ontem. Quando em outras capitais já era praticado com habilidade e ardentemente admirado o bello e violento esporte bretão, nos o desconhecíamos quase que por completo e não tínhamos o menor interesse pelas pugnas que constantemente se travavam entre as agremiações de São Paulo e Rio (*Diário da Manhã*, 1926, 3 out. s/p).

As escolas, as regiões do bairro Moscoso, da barreira de São Gonçalo e do largo de São Francisco, todas elas localidades do centro da cidade, foram o sítio embrionário do contato dos rapazes capixabas com as bolas de meia e de bexiga de boi (GOMES FILHO, 2002). É bem verdade que:

[...] com uma noção ainda pouco precisa da verdadeira technica futebolística. Um ou outro, mais viajado, sabia as regras e procurava applical-as, luctando com as difficuldades communs que se antepõem sempre á tarefa mellindrosa de organizar alguma coisa (*Diário da Manhã*, 1926, 3 out. s/p).

Apesar dessa “falta de intimidade” com a bola, em pouco tempo o futebol disputou com o remo a preferência da juventude capixaba, como podemos observar na reportagem do dia 19 de maio de 1929, no *Diário Sportivo*: “[...] Hoje mais duas partidas de futebol, o tão querido esporte, que incontestavelmente é o preferido do nosso público”. A importância dessa prática é ressaltada nos meios de comunicação de massa. Manchetes eram publicadas e o futebol

deslança nas páginas das revistas e jornais em circulação, ampliando o acesso de uma parcela da população ao esporte.

Com sua proliferação e popularização nos recônditos da cidade, os jogos de futebol vão perdendo a marca elitista que esteve associada à sua introdução no País e aparecem, a partir de então, como mais um meio de intervenção direta no físico, no intelecto e na moral de todo o conjunto da população. Unindo seus praticantes em torno de um mesmo ideal viril, os jogos seriam um meio para fomentar o desenvolvimento de um novo homem em Vitória. O jogo de bola teria o poder de ajudar na criação de uma sociedade na qual os homens fossem educados pelos exercícios físicos, capazes de aliar o ensinamento do senso de coletividade a de disciplina na consolidação física, moral e intelectual da “raça brasileira” (NEGREIROS, 2003). Na matéria “O *Stadium* como índice de civilização”, assinada por Pêrsio Nascimento, fica evidente o interesse do Estado em “regenerar” os corpos e incentivar as práticas esportivas na população em favor de uma mocidade mais forte e sadia. Diz a letra da publicação que o Brasil, ainda que com algum atraso, segue o passo de outros países, despertando de um sonho que pouco a pouco vai se transformando na mais promissora realidade, pois já “[...] cuida do aprimoramento de sua raça, reconhecendo no *Stadium* um meio capaz de seleccionar typos e estabilisar padrões”.

Outro aspecto importante sobre os primórdios da prática futebolística em Vitória refere-se à forte influência dos clubes cariocas sobre os times capixabas. Nos conteúdos dos jornais, exaltava-se a presença dos times do Rio de Janeiro em Vitória, considerando um marco para o futebol por aqui praticado. Muitas pugnas foram realizadas contra os cariocas; a mais importante delas ocorreu quando da inauguração do estádio Governador Bley,¹⁵ em Vitória, com a partida entre o Rio Branco Foot-ball Club e o time carioca do Fluminense F. C. (*Esportes*, 14 de maio de 1936 s.p). Apesar da notória admiração, o jogo colocou em cena uma interessante disputa identitária alimentada desde a década anterior, pois era o nascente

futebol capixaba tentando se afirmar perante uma potência do cenário nacional. Isso pode ser identificado na coluna *Diário Sportivo* (s/d) de 1926:

A elle [refere-se ao Victória Foot-ball Club] caberá a honra de defender os créditos de nossa cidade, a elle mais que qualquer outro, pois tem o nome da nossa bella Capital, tem o dever de empregar o máximo dos esforços para a glória nossa e de seus innúmeros admiradores que são todos os que interessam pela grandeza e engrandecimento deste pequeno torrão da Federação.

Apesar desta luta por identidade, percebemos que a presença de clubes futebolísticos, de fora do Estado, ultrapassou o espírito de rivalidade, caracterizando-se mais pela admiração e respeito. Devido à bagagem histórica construída pelos clubes cariocas, estes se tornavam como guias para o futebol capixaba, ainda bastante embrionário.¹⁶ Muitas vezes os clubes cariocas eram recebidos com festa e, até mesmo, alguns clubes náuticos se envolviam na receptividade. Gestos estes que simbolizavam respeito e admiração por tais clubes, como podemos observar na matéria do dia 16 de junho de 1929, na seção *Diário Sportivo*, em que o Clube de Regatas Flamengo veio para uma partida de futebol contra o Rio Branco:

O clube de Regatas Saldanha da Gama a fim de participar das homenagens que prestadas ao seu congênere do Rio, designou a guarnição vencedora do 1º Campeonato de Remadores Espírito Santense, para comboiar o 'Ita' [embarcação que trouxe a equipe flamenguista] desde a ilha das pombas.

Não somente os clubes náuticos foram responsáveis pelo desenvolvimento de novas práticas esportivas, mas muitos clubes futebolísticos ampliaram também suas modalidades. Como verificado nas fontes, o Victoria Foot-ball Club foi o primeiro time de futebol interessado a oferecer a prática do “baskett-ball”, mostrando empenho no progresso do esporte capixaba. O “baskett-ball”, aliás, foi uma das modalidades que ganhou preferência entres as mulheres, resultando até na formação de times femininos, como mostra a matéria do dia 4 de setembro de 1928, na seção *Vida Sportiva*, sobre o jogo de basquete feminino do Victoria, que “[...] Revelou o adiantamento do esporte da moda no nosso meio feminino”.

Considerações finais

Esta investigação se insere no conjunto de preocupações de uma pesquisa mais ampla, que visa compreender o advento e a massificação das práticas corporais esportivas na cidade de Vitória, identificando as mudanças provocadas pela prática esportiva na paisagem urbana, nos costumes do povo (estilo de vida, modo de se vestir), em suma, na mentalidade da população no início do século XX. No caso deste artigo, seu objetivo foi descrever e discutir a criação e a organização clubística de Vitória, nos anos iniciais de seu desenvolvimento como cidade moderna.

Nossas fontes dizem que, diferente do que aconteceu em outras cidades, o remo foi a manifestação esportiva que inicialmente se organizou em termos clubísticos nesta Capital. Isso aconteceu algum tempo depois de essa prática já ser conhecida e adotada em outras cidades, como no Rio de Janeiro. Como na Capital fluminense, sua prática era restrita às camadas mais privilegiadas da sociedade, o que não impediu outras parcelas da sociedade de acompanhar os grandiosos eventos náuticos, proporcionados, sobretudo, pelos dois clubes de destaques da época: Álvares Cabral e o Saldanha da Gama. Além das práticas esportivas, esses clubes eram importantes referências sociais, já que seus salões recebiam as mais eminentes personalidades capixabas, fossem elas atletas, fossem políticos ou distintos comerciantes.

Ao mesmo tempo em que a prática do remo se consolidava, o futebol se desenvolvia em terras capixabas. Com um pouco de atraso em relação aos grandes centros do País, essa prática importada somente começa a acontecer, no que se refere à formação de clubes, a partir da década de 1910. À semelhança delas, contudo, sua prática aqui também se inicia vinculada às pessoas de melhor condição financeira. No caso em questão, aqueles que podiam frequentar os melhores colégios da região e experimentar, entre seus iguais, as novidades que normalmente conheciam em suas viagens para fora do Estado (seja para estudar, seja para

passar). Não demorou muito tempo para ele conquistar rivalizar com o remo pelo posto de modalidade predileta dos capixabas, expandindo-se para uma parcela populacional carente de recursos para a vivência de outros esportes. Destacamos os clubes futebolísticos: Victoria Foot-ball Club e o Rio Branco Foot-ball Club. Outras práticas esportivas, contudo, também tiveram vez na região, como o “baskett-ball”, a natação e o “water-pollo”. Sobre elas não pudemos nos debruçar mais calmamente neste artigo.

As análises realizadas, algumas das quais reproduzidas neste texto, mostram que os discursos atrelados ao desenvolvimento do esporte na cidade de Vitória estiveram relacionados com as teses de que o esporte seria uma prática central à formação de uma juventude sadia, contribuindo, assim, para a melhoria da raça em solo capixaba. Não surpreende, conforme demonstramos, o interesse dos governantes locais em financiar o desenvolvimento dos clubes, responsáveis para o alcance daqueles objetivos. Essa, aliás, é uma representação a respeito do esporte relativamente conhecida no âmbito dos estudos historiográficos do esporte. Importante, para nós, foi perceber como isso se materializou em Vitória, em suas nuances, diferenças, mas, também, em suas similaridades.

Sabemos que o impulso esportivo da Capital capixaba não foi limitado às fronteiras da ilha de Vitória. Fontes nossas já acessadas, nos anos posteriores a 1940, demonstram o avanço do esporte além da ilha, ampliando o raio de ação no território espírito-santense. Cidades interioranas do Estado, localizadas no norte e no sul, foram contempladas pelo impulso da movimentação esportiva e configuraram uma nova dinâmica no cotidiano local. Uma nova etapa do esporte capixaba surge amparada pelo desejo da população capixaba em continuar esse processo.

Referências bibliográficas

- BRITO, F. S. R. 1896. *Projeto de um novo arrebalde: relatório apresentado ao presidente do Estado*. Rio de Janeiro: Tipografia Leuzinger. Disponível em: < <http://www.ape.es.gov.br> >. Acesso em: 30 jul. 2010.
- COERTJENSI, Marcelo; GUAZZELLI, Cesar Barcellos; WASSERMAN, Cláudia. 2004. “Club de Regatas Guahyba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938)”. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 18, n. 3, jul./set.: 249-262.
- DERENZI, L. S. *Biografia de uma ilha*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1965.
- GOMES FILHO, Oscar. 2002. *Rio Branco Atlético Clube: história e conquista*. Vitória: Imprensa Oficial do Estado do Espírito Santo.
- KUNSCH, Fernando; SALUSTIANO, Sérgio. 2007. *Clube de Regatas Saldanha da Gama: lutas e glórias, 105 anos de Vitória*. Vitória: Gráfica GSA.
- LIMA JÚNIOR, Carlos Benevides; SOARES, Suely Carvalho; BONICENHA, Wallace. 1994. *Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais*. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Universidade Federal do Espírito Santo.
- LUCENA, Ricardo. 1994. Os primeiros passos do esporte capixaba. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 2. Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa: 237-241.
- _____. 1997. Para uma história do esporte em Vitória. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: UFES, 1997. v. 2: 169-184.
- _____. 2001. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. São Paulo: Autores Associados.
- MASCARENHAS, Gilmar. 1999. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23:17-39.
- MAZO, Janice Zarpellon. 2007. Associativismo esportivo intercultural em Porto Alegre: a fundação dos primeiros clubes teuto-brasileiros no século XIX. In: MORAGAS, M.; COSTA, L. P. da (Org.). *Universidad y Estudios Olímpicos. Seminarios España-Brasil 2006*. Barcelona; Rio de Janeiro: 491-503.
- MELO, Victor Andrade de. 2001. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- _____. 2007. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados.

- _____. 2010. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri.
- MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Mary Del. (Org.). 2009. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP.
- MÜLLER, P. 1936. *Relatório do prefeito*. Vitória.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola. 2003. *Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional*. História: questões e debates, Curitiba, n. 39:121-155.
- PAGNI, Pedro Angelo. 1997. Prescrição dos exercícios físicos e do esporte no Brasil (1850-1920): cuidados com o corpo, educação física e formação moral. In: FERREIRA NETO, A. (Org.). *Pesquisa histórica na educação física*. Vitória: UFES: 59-82.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. 2000. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1908)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SEM AUTORIA. Esportes. 1978. *A Tribuna*, Vitória, 31 de julho de 1978: 10.
- SEVCENKO, Nicolau. 1992. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 1999. *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SOARES, A. M. 1933. *Relatório do prefeito*. Vitória.
- SARLO, A. 1935. *Relatório do prefeito*. Vitória.
- VASCONCELLOS, J. G. et. al. 1993. *Vitória: trajetória de uma cidade*. Vitória: IHGES.
- VAZ, Alexandre Fernandez. 2010. Esporte e modernidade em Florianópolis: primeiras aproximações. In: MELO, V. M. (Org.). *Sport, cidade e modernidade*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj: 193-212.

Jornais

- DIÁRIO SPORTIVO. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 1926.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, setembro de 1926.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 7 set. 1926.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 4 out. 1926.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 3 out 1926.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 13 nov. 1928.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 4 jan. 1929.
- _____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 1º mar. 1929.

_____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 19 maio 1929.

_____. *Diário da Manhã*, Vitória, s.p, 21 maio 1936.

_____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 1 jun. 1929.

_____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 4 jun. 1929.

_____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 16 jun. 1929.

_____. *Diário Da Manhã*, Vitória, s/p, 12 jul. 1929.

ESPORTES. *Diário da Manhã*, Vitória, s/p, 14 de maio de 1936.

Revistas

VIDA SPORTIVA. *Vida Capichaba*, Vitória, s/p, 193-.

_____. *Vida Capichaba*, Vitória, s/p, 4 set. 1928.

_____. *Vida Capichaba*, Vitória, s/p, 1935.

CHANAAN, Vitória, s/p, 1937.

CHANAAN, Vitória, s/p, jun. 1937.

CHANAAN, Vitória, n. 16, jul. 1937.

Dados profissionais dos autores:

Thacia Ramos Varnier

Mestranda no PPGEF/UFES. Laboratório de Estudos em Educação Física do CEFD/ UFES.
Endereço eletrônico: thacia_151@hotmail.com

Cecília Nunes da Silva

Mestranda no PPGEF/UFES. Laboratório de Estudos em Educação Física do CEFD/ UFES.
Endereço eletrônico: ceciliaef@hotmail.com

Dr. Ivan Marcelo Gomes

Doutor em Ciências Humanas; professor do PPGEF do CEFD/UFES.

PUBLICAÇÕES:

GOMES, Ivan Marcelo; VAZ, Alexandre Fernandez; ASSMANN, Selvino José. 2010. Conselheiros midiáticos: o "Caderno Equilíbrio" da Folha de São Paulo e suas ponderações na formação do indivíduo saudável. *Movimento*, Porto Alegre, v. 4:117-134.

GOMES, Ivan Marcelo. 2009. E se Ivan Ilitch fizesse atividade física?: reflexões sobre tormentos modernos. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 12:1-11.

Endereço eletrônico: ivanmgomes@hotmail.com

Dr. Felipe Quintão de Almeida

Doutor em Educação; professor do PPGEF do CEFD/UFES.

PUBLICAÇÃO:

BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; ALMEIDA, F. Q.; GHIDETI, F. F.; GOMES, I. M.; ROCHA, M. C.; MACHADO, Thiago da Silva; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; MORAES, C. E. A. 2001. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010). *Movimento*, Porto Alegre, v. 17:11-34.

GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintão de; VAZ, Alexandre Fernandez. 2009. Sobre corpo, reflexividade e poder: um diálogo entre Anthony Giddens e Michel Foucault. *Política & Sociedade*, Florianópolis, v. 8:299-320.

ALMEIDA, Felipe Quintão de. 2008. Unidade de doutrina e pedagogia da educação física nos escritos de Hollanda Loyola (1939-1944). *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 19:291-303.

Endereço eletrônico: fqalmeida@hotmail.com

Ms. Ueberson Ribeiro Almeida

Mestre em Educação Física (PPGEF/CEFD/UFES); doutorando em Educação no PPGE/CE/UFES.

PUBLICAÇÃO:

ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; HECKERT, A. L. C.; Barros de Barros. 2011. Nas trilhas da atividade: análise da relação saúde-trabalho de uma professora de educação física escolar. *Trabalho, educação e saúde*, Rio de Janeiro, v. 9:245-263.

BRACHT ; Valter; FARIA, Bruno de Almeida ; ALMEIDA, F. Q ; GHIDETI, F. F. ; GOMES, I. M. ; ROCHA, M. C.; MACHADO, Thiago da Silva ; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; MORAES, C. E. A. 2011. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010). *Movimento*, Porto Alegre, v. 17:11-34.

Endereço eletrônico: ueberonribeiro@terra.com.br

Ms. Cláudia Emília Aguiar Moraes

Mestre em Educação (UFSC); professora da ESFA.

PUBLICAÇÃO:

BRACHT, Valter; FARIA, Bruno de Almeida; ALMEIDA, F. Q; GHIDETI, F. F.; GOMES, I. M.; ROCHA, M. C.; MACHADO, Thiago da Silva; ALMEIDA, Ueberson Ribeiro; MORAES, C. E. A. 2011. A Educação Física Escolar como tema da produção do conhecimento nos periódicos da área no Brasil (1980-2010). *Movimento*, Porto Alegre, v. 17:11-34.

THOMAZINI, Samuel Oliveira; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MORAES, Cláudia. 2008. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts (MMA). *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 11: 281-290.

Endereço eletrônico: cea_moraes@hotmail.com

Notas

¹ A pesquisa recebeu financiamento do CNPq, pelo edital MCT/CNPq 14/2009 – Universal. A modalidade é Auxílio à Pesquisa (APQ) - Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF). Não houve conflito de interesses para a realização da pesquisa.

² A esse respeito, ver Melo (2010).

³ Nesse sentido, seguimos o caminho inaugurado por Lucena (1994, 1997), mas que ele próprio não levou às últimas consequências por ter decidido operar com fontes históricas de outra cidade: Rio de Janeiro (LUCENA, 2001).

⁴ Não foi possível catalogar as publicações dos anos de 1931 a 1935 do jornal *Diário da Manhã*, em função da falta desses exemplares nos arquivos consultados.

⁵ O chamado *Novo arrebalde* consistia na elaboração de um projeto de bairro cuja área era de cinco a seis vezes maior do que aquela onde estava erguida a Capital. Para dar acesso ao novo bairro, propôs-se a criação de uma linha de ferro-carril entre o centro e as áreas praianas, local do *Novo arrebalde*. Além do traçado primoroso, o projeto previa o suprimento não só de água, mas também estipulava o fornecimento de iluminação à gás através de canalização a estender-se até o centro do bairro. Por todas as maneiras planejava-se um bairro dotado das melhores condições de higiene e salubridade, prevendo-se na nova área de expansão da cidade resolver o maior problema urbano daquele momento: o saneamento. O projeto do *Novo arrebalde* encontra-se completamente digitalizado no site do Arquivo público estadual do Espírito Santo, podendo ser acessado através do seguinte endereço virtual: <http://www.ape.es.gov.br>.

⁶ Fazer do mar o depósito “natural” dos dejetos humanos de toda ordem evidencia uma determinada postura dos habitantes da cidade em relação ao mar que, no caso, parece ser de desprezo. Convém analisar as modificações nessa relação à medida que avança o projeto de transformação de Vitória, semeando as condições para a produção de uma nova sociabilidade nas praias bem como fomentando o desenvolvimento dos esportes náuticos na cidade.

⁷ Não encontramos registros, em outras fontes consultadas, de que havia uma organização clubística em Vitória antes da virada para o século XX. Isso já demarca uma importante diferença do esporte em Vitória, ao menos se compararmos com o que aconteceu em outros locais.

⁸ Todas as citações retiradas dos jornais e revistas foram transcritas de modo a respeitar a originalidade das fontes.

⁹ Outras Capitais brasileiras expressam essa tendência, como Florianópolis (VAZ; BOMBASSARO, 2010), Rio de Janeiro (LUCENA, 2001; MELO; PRIORE, 2009) e Porto Alegre (MAZO, 2007).

¹⁰ Antes de os primeiros clubes de futebol surgirem, a prática desse esporte estava ligada às escolas, como o Colégio Estadual (com o time *Sul América*) e a Escola Normal (com a equipe do *XV de Novembro*).

¹¹ Essas resistências ao futebol, encontradas também em outras cidades do País, indicavam uma preocupação com o caráter de alguns esportes, pelo fato de eles promoverem a violência, desenvolverem hábitos e vocabulários impróprios entre as pessoas, assim como desviarem a juventude dos estudos e do cultivo espiritual. Esse seria o caso exatamente do futebol, cuja prática, segundo a crítica, fomentava nos praticantes e torcedores um vocabulário viril, de baixo calão e uma forte propensão à agressividade (PAGNI, 1997; PEREIRA, 2000).

¹² Além do Náutico Brasil, outro clube de remo criado nesse período é o Piratininga, cuja sede ficava em Vila Velha, município vizinho à Capital.

¹³ Mesmo entre os clubes de futebol, identificamos a recorrência desse discurso, como é o caso do Rio Branco Foot-ball Club, que se denominava, quando de sua fundação, “Juventude e Vigor”: “[...] somos todos jovens e vigorosos, moços sadios e fortes. Vamos chamar o clube de Juventude e Vigor [...]. Os meninos [...] abraçavam a catequese dos que punham na prática dos esportes a solução na formação da juventude, baseada na máxima latina ‘mens sana in corpore sano’ [...]” (GOMES FILHO, 2002, p. 11).

¹⁴ O artigo faz referência ao que se chamava Praia Comprida, local em que hoje se encontra o bairro da Praia do Canto.

¹⁵ O estádio foi construído pelo Rio Branco com auxílio financeiro do Governo Estadual, então sob a direção do interventor João Punaro Bley. As manchetes dos jornais, à época, o consideravam o terceiro maior estádio do País.

¹⁶ A influência do Rio de Janeiro resultou na criação de clubes com os mesmos nomes dos times cariocas, como é o caso do Flamengo e do Botafogo de Vila Velha/ES, informações estas encontradas no jornal *Diário da Manhã* (12 de julho de 1929).